

O Protagonismo da Enfermagem no Processo de Cuidar¹

Helga Regina Bresciani²

Lygia Paim³

1. Introdução

A reflexão acerca do protagonismo da Enfermagem nos remete à história desta profissão no mundo, desde seus primórdios organizacionais e, um primeiro olhar, nos direciona à obra protagonista liderada por Florence Nightingale e o sistema de Enfermagem por ela concebido, na Inglaterra do século XIX. É a partir de seu legado com dados e descrições de práticas e estudos de cuidados, com relatórios em bases estatísticas, e com escritos enriquecidos de conhecimento científico e cultural, que o protagonismo da enfermagem pôde ser, primordialmente, reconhecido. A literatura de autoria de Florence Nightingale firmou-se claramente na busca da definição do que é e do que não é Enfermagem, e a Inglaterra reconheceu seu trabalho desde o desenvolvido em meio a Guerra da Criméia. Ao protagonismo marcante de sua obra de construção da profissão de Enfermagem, juntou-se a demonstração que fez em campo do cuidado para a redução da mortalidade dos feridos na guerra, chegando a baixar de 80% para a taxa de 2%. Esse protagonismo se deu em bases argumentativas e justificativas, quando Nightingale preparou um relatório epidemiológico convincente, expondo que, pelo uso da prática técnica de lavagem das mãos no ambiente de trabalho dos profissionais da saúde, esta medida profilática, minimizava as altas taxas que já se registravam em atendimento. A Enfermagem como profissão na Inglaterra e depois o sistema nightingaleano transposto à cultura dos Estados Unidos da América do Norte, traz em consigo, de modo emblemático, pela natureza do cuidado de Enfermagem, suas possibilidades de exercitar seu protagonismo profissional.

¹ Texto produzido para 75ª Semana Brasileira de Enfermagem, 2014 – ABEn –SC.

² Enfermeira Mestre, Vice - Presidente da ABEn Nacional – Gestão 2012 -2014.

³ Enfermeira Doutora, sócia honorária da ABEn –SC.

No Brasil, a chegada da Enfermagem como profissão veio do modelo já praticado nos Estados Unidos, embora guardadas as bases nightingaleanas. Era o início do século XX, mais precisamente, em 1923, no Rio de Janeiro, no Departamento Nacional de Saúde Pública, a vinda da Sra Ethel Parsons foi seguida de um grupo de Enfermeiras procedentes dos Estados Unidos, a convite do governo brasileiro, intermediado pelo cientista Dr Carlos Chagas. Em meio a situação precária de saúde da população brasileira residente no Rio de Janeiro, nos anos 1920, a decisão político – social foi a apontada pelas enfermeiras americanas visitantes de que a questão sanitária estaria sendo resolvida com a participação da Enfermagem profissional para o que fizeram um relatório e um plano de trabalho que incluía a criação de uma Escola de Enfermagem. Esta era uma prática do sistema nightingaleano, porquanto, ao ser chamada a organizar um serviço de Enfermagem, o seu plano de trabalho sugeria que além do Serviço de Saúde, propriamente dito, fosse fundada uma Escola de Enfermagem. Assim transpostas as bases do Sistema, as enfermeiras americanas ao projetarem o Serviço de enfermagem para a abertura e qualificação de algumas unidades de Saúde Pública o que chamaram de Zoneamento compondo e reestruturando as Unidades Sanitárias da cidade do Rio de Janeiro. Ao lado disso, veio a organização do Hospital São Francisco (HESFA), bem como a Maternidade Thompson Mota, compondo assim, um complexo apropriado aos estágios curriculares da Escola de Enfermagem, nascida no interior do Departamento Nacional de Saúde Pública, e mais tarde, a denominada Escola de Enfermagem Ana Nery da Universidade do Brasil (1937), e atualmente, Escola de Enfermagem Ana Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No Brasil, o nascer da Enfermagem profissional nesse sistema, traz alguns traços de protagonismo da profissão, os quais, por certo, ainda serão mais e melhor detalhados na vida da Enfermagem, por equipes especializadas em estudos de história da Enfermagem brasileira. Nestas e em próximas considerações, o que vem a ser Protagonismo Profissional?

2. Perspectiva Social das Mulheres na Organização da Sociedade e na Interdisciplinaridade.

O mais importante foco de protagonismo profissional da Enfermagem destaca-se por sua convergência de ações centradas no cuidar humano. Não é desconhecido que, desde o nascimento da profissão de Enfermagem, duas de suas implicações se mantêm na pauta dos discursos e práticas muito sensíveis à sua história: a) a história das mulheres na sociedade e seus cuidados antes e depois da organização profissional; e, b) a inserção profissional da Enfermagem, no conjunto das profissões da saúde, mais atualmente, a luta pela interdisciplinaridade.

. Por sua vida afora, a Enfermagem profissional é reconhecida pelo quanto tem se posicionado ao lado da trajetória histórica das mulheres e, na trajetória da sua inserção no conjunto das profissões da saúde. A trajetória feminina tem sido visualizada pela profissão, não apenas configurada como diferença de gênero, mas sim, como destaque da contribuição das mulheres no mundo da educação, da saúde, da cultura, das artes e destacadamente no caráter científico profissional; por assim dizer, em todos os planos e em todas as instancias de construção de modos de viver, desde o tempo em que as mulheres praticavam cuidados instintivos das famílias, as mulheres educadoras, as parteiras leigas ou não, as mulheres de ontem e de hoje, mulheres abolidas da educação formal, mulheres sem exercer o direito ao voto, e tantas outras injustiças.

A Enfermagem profissional no Brasil protagonizou a entrada da mulher no mundo dos estudos superiores nos anos 1920, quando eram raras as mulheres que frequentavam cursos ou trabalhavam fora de casa e menos ainda, entravam na força de trabalho estando longe do sentido de sua autonomia, mesmo nos primeiras décadas do século XX. A luta para o reconhecimento da mulher como ser humano, à qual a Enfermagem exerceu liderança junto a outros grupos, hoje, tem evoluído desde que as mulheres passaram pela superação do não voto, até a condição de serem votadas. Em 1923, foi inusitado no Rio de Janeiro, o protagonismo de um curso de Enfermagem, só de alunas (mulheres), funcionando na qualidade de ensino superior. Nesse protagonismo, as mulheres da Enfermagem, foram se inserindo na condição libertária, em sua mais plena condição de seres humanos, enfermeiras, professoras de Enfermagem, e nos dias de hoje,

enfermeiras mulheres parlamentares, enfermeiras mulheres na política partidária, enfim, hoje evoluímos pelo protagonismo das mulheres, a ponto de termos mulheres, até mesmo, na presidência de alguns países, a exemplo o Brasil. Essa conquista das mulheres vem se tornando óbvia na maior parte do mundo, pois lutas de libertação da mulher vem se sedimentando como uma postura e é inegável a influência da profissão no bojo da ciência, do início do século XX.

Enfermagem pensada no Sistema da Enfermagem Moderna. Resumidamente, a educação da Enfermagem brasileira contribuiu de modo fortalecido: para o acesso ao protagonismo profissional; à posição libertária das mulheres, pois foi o primeiro curso formal somente para mulheres, entrando para a Universidade do Brasil, nos anos 1930. Assim, quando havia apenas uma ou outra mulher nos cursos de nível superior, em meio ao universo masculino das profissões científicas, a Enfermagem foi a exceção, pelo seu protagonismo abrindo nova perspectiva social.

A Enfermagem vista por outros profissionais pode estar traduzida em uma abordagem calcada em paradigmas de expressão positivista dominante a época do estudo. Em meados nos anos de 1960 a Enfermagem nos serviços de saúde foi objeto de investigação na perspectiva sociológica e a autora Ribeiro de Oliveira teve como sujeitos da pesquisa os diversos profissionais da saúde e fez uma análise multirelacional buscando saber sobre a Enfermagem incluída no serviço de saúde. Os diversos profissionais do serviço de saúde interpretaram que o posicionamento da Enfermagem era o de coordenador da assistência. Considere-se que o estudo se desenvolvido nos anos de 1960, com a tecnologia da escassez desta época, com o país culturalmente embotado pela chegada da ditadura militar, com a educação retraída pela dominação vigente, com a assistência limitada pelos institutos previdenciários e, mesmos nos hospitais de ensino em modelos tecnicistas ao lado de uma associação de enfermagem de vulto nacional politicamente silenciosa e cumpridora dos ditames do ensino e da assistência comandados pelo Estado. Enfim uma série de domínios e desmantelos construindo ao avesso das desejáveis praticas libertárias. À época o protagonismo era de alguns e não francamente esperado de toda a população de profissionais de Enfermagem.

Isto foi se avolumando e fez deflagrar outro protagonismo conseguido com muita orquestração e lutas democráticas crescentes ainda que árdua – a luta do participação.

No final do século XX, quando o mundo vive a emergência de novos paradigmas, a experiência acumulada da Enfermagem no Brasil, a Carta Magna, situando a vitória de bases a um novo sistema de saúde após reconhecimento da saúde como direito de todos e dever do Estado também se conforma como uma outra perspectiva social. Ainda sim, o discurso da Enfermagem continua centrado no cuidado, e a ênfase conceitual do cuidado como cerne do protagonismo profissional, mesmo implicando no redimensionamento das teorizações e práticas da enfermagem como profissão. Uma reflexão sobre nossa profissão de Enfermagem, necessariamente convida-nos a nos colocar não apenas dentro dela, mas no conjunto das profissões de saúde, para discutir nosso trabalho e a incessante busca de cidadania, tendo em conta a nossa vida profissional individual e coletiva. Mudara-se a organização da sociedade e nossa organização profissional, como parte dela.

3. Concepção de Protagonismo

Nesse momento, vale pausar e, cada um de nós, se perguntar: diante dessas considerações iniciais. O que vem a ser Protagonismo Profissional? Eu me coloco ou posso vir a me colocar em alguma situação coletiva de Protagonismo Profissional de Enfermagem?

Etimologicamente, o termo protagonista quer dizer o personagem principal, é a variação que se formou em português com os vocábulos gregos: protus: que significa primeiro, principal e agonistes que significa lutador, competidor. Em Frances o vocábulo se documenta no século XIX; e em italiano no século XVIII e em inglês na segunda metade do século XVII. É um substantivo de dois gêneros é o protagonista, a protagonista. Em síntese “eu sou o principal, porque eu sou lutador para que a totalidade do cuidado seja

favorável ao objetivo da saúde.” Na Enfermagem o protagonismo da profissão refere-se aos atores que consubstanciam o conhecimento nas ações que se voltam ao cuidar humano. O significado de protagonismo traz um conceito relacional, é quem eu sou na equipe, dentre os outros. Quem sou dentre os demais atores?

Peço licença para que o nosso pensar tente se alinhar ao de um avaliador de desempenho, Leão Ribeiro, quando, em um de seus textos, nos convida a encarar a vida profissional a partir da afirmação *de que no ser humano só o protagonismo é o contrário de inércia e de estagnação. Em outras palavras, acrescento a expressão, sem protagonismo, não há vida profissional com identidade e imagem significativa aos olhos de uma sociedade.*

Muitas vezes, diz este mesmo autor, grupos profissionais que tenham vários projetos em determinado período, percebe-se em meio a sua realização com a sensação de que tudo o que foi feito, não foi feito com o “elan”, “mergulho”, ou a “empolgação” que mereceria para fortalecer seguidamente novos projetos. Uma estagnação profissional, geralmente advém em forma de estado inercial diante dos desafios crescentes de uma profissão. A estagnação profissional faz adoecer uma organização. Para vencer a estagnação, ou seja, para sair do estado de inércia, o contraponto é a motivação e vontade de um grupo profissional em tornar-se protagonista. Entender que a vida profissional não depende apenas das políticas de cargos e salários embora seja muito importante refletir e agir quanto a isso.

Protagonismo na profissão existe, quando seu grupo profissional é o principal agente de transformação de sua vida e de sua história. A liderança de um grupo profissional torna-se visível quando o grupo se dispõe a enfrentar tarefas árduas muitas vezes necessitando empregar atenção e esforços além das forças comuns, reunidas do próprio grupo profissional.

Entre nós, profissionais da Enfermagem, vale lembrar que o protagonismo não se constrói como passe de mágica, mas o oposto disso, ele exige do grupo profissional desenvolver ações uníssonas mesmo que naturalmente diversificadas, em empenho diuturno com objetivo comum, em nosso caso da categoria profissional de Enfermagem, voltado a lutas que

tenham repercussão político-social, revertendo o processo e buscando o acréscimo à identidade, imagem e valorização profissional. O protagonismo promete sucesso profissional, porém este sucesso vem carregado da história de superação, dedicação, e acima de tudo, de determinação do próprio grupo.

O protagonismo do nosso grupo profissional tem sua história impregnada de quem fomos e de quem viremos a ser, como profissão na sociedade da qual fazemos parte. Depende de nós mesmos tomarmos a decisão conjunta como categoria de Enfermagem de rompermos com a estagnação, elevando a nossa estima como grupo profissional, redimensionando nossos objetivos, de grupo e de cada profissional, como parte do grupo, capacitando-nos crescentemente no trabalho em equipe profissional de Enfermagem e como enfermagem dentro da equipe de saúde.

Para tanto, temos em nossa história de vida profissional oportunidade de nos colocarmos à disposição para assumir novas responsabilidades no escopo profissional, para ampliar o conhecimento sobre o que significam as organizações de Enfermagem e quem somos como profissionais face a essas organizações? Tenho eu como profissional resistido as mudanças na profissão, sejam no Estado, no País, no Mundo ou tenho abertura a novos projetos e experiências? Como “ouvir e dizer” fazendo parte do protagonismo do meu grupo profissional? Sempre há mudanças no ar e, não há protagonismo que resista se nossa postura for de alheamento ao que se passa do ponto de vista organizativo de nosso grupo nessa profissão. Ser protagonista em Santa Catarina não se dá por acaso.

Um historiador narra que esta terra tem a vocação para o protagonismo já que foi de fundamental importância na expansão marítima europeia por ser por muito tempo o último porto para obtenção de água e víveres para as expedições que seguiam com destino a América do Sul. (SOUZA, 2013)

A Enfermagem requer e quer distanciar –se da estagnação e Santa Catarina tem sido emblemática nas frentes a mudanças. Contudo, continuar é preciso e requer coragem para identificar eficazmente nossas habilidades, dons e talentos a fim de que em grupo de categoria unificada como profissionais de Enfermagem tomemos a nossa vida profissional em nossas mãos e marquemos

nossa história pelo protagonismo para comemorarmos juntos enfermeiros, técnicos e auxiliares de Enfermagem as inúmeras conquistas já feitas que nos aguardam.

4. Participação e Nova Leitura de Cuidado de Enfermagem

O Conceito de protagonismo de Enfermagem hoje, não mais se distancia do conceito de participação. Participação é um princípio nascido da democracia; sem participação estaríamos diante da impossibilidade de transformar a realidade em história humana, em seu sentido individual e coletivo. Então a participação aprendida desde o movimento com este nome tem possibilitado o caminho de como transformar a realidade de saúde em parte da história humana, e, nossa participação de Enfermagem, pelo cuidado, tem protagonismo nessa transformação. Esta busca transformadora tem tudo a ver com conceitos de participação emitidos certamente por Herbert de Souza, sociólogo, reconhecido pelas qualificações participativas em igualdade, liberdade, diversidade e solidariedade. Nessa perspectiva qualificadora está situada a participação que queremos na Enfermagem pelo seu protagonismo no cuidado humano e, com ele as práticas éticas de percebermo-nos na equipe de saúde como iguais, livres, diversificados e solidários.

Reconhecemos que a participação é a única forma de transformar os direitos em novas realidades de vida e saúde. Falamos no sentido amplo de participação como possibilidade aberta é direito a todas as pessoas e como destaque de atuação profissional seja na vida de famílias, na rua, no bairro, na cidade, no país, na escola, na empresa, nas associações culturais, nas condutas políticas e econômicas, nas profissões de nossa área direta ou indireta. Quando se diz a todas as pessoas que não há restrição de gênero, idade, cor, credo ou condição social na vida e saúde é que já aprendemos algo de participação em nossa lição particular em meio as mudanças entre trabalhadores de toda a nação quando se manifestou na necessidade de um movimento com este nome nos anos 1980, para a Enfermagem Participação como Movimento tem início, meio e fim, como fortalecimento qualificador das relações profissionais. Contudo, a participação passa a ser vista a partir daí, minimamente uma situação qualificada assumida o mais integralmente

possível, vistas pelos profissionais da Enfermagem em meio aos anseios da maioria da sociedade.

5. Participação Condição para o Empoderamento

Há muito, que o sentido de participar está indo além de apenas estar presente, mas exige em sua marca participativa, tomada de posição, de ideias, de valores e conhecimentos reconhecidos nas decisões de um processo. Para os trabalhadores de Enfermagem a participação se refere também ao cuidado de identidade com a profissão, o exercício do direito de acessar e preencher espaços institucionais compatíveis com o trabalho de toda a categoria de Enfermagem seja pela participação do profissional em associação de classe, sindicatos, órgãos representativos em defesa da profissão, e outros de natureza de apoio profissional, tudo faz sentido como exercício de participação, e este, é o único que pode vir a garantir condições para ocupação do lugar social compatível com o direito e dever de conquistar e garantir esse lugar social apropriado ao desempenho profissional do cuidar humano em sociedade. Sem essa qualidade participativa arrefece qualquer protagonismo e perdemos no que diz respeito a condição para o empoderamento necessário e, para servir de base a ampliação da capacidade de tomar decisões responsáveis e consequentes ao futuro da profissão, conforme Egry, 1996; Fonseca, 1998; Coelho e Fonseca, 2005, sabemos todos que é pela participação que o empoderamento amplia o espaço para o exercício profissional individual e coletivo em relação dialética entre eles.

Ao lado da participação, o que empodera o profissional nas práticas, se destina a empoderar o usuário, de quem e para quem o cuidado é o forte.

6. Bases para o cuidado: Participação e Conhecimento

São as pesquisas e estudos que fortalecem o cuidado e estão a requerer que sejam avaliados pelos profissionais da prática ao absorverem estes produtos. É a aplicação do conhecimento concreto. Quando há um hiato entre a produção do conhecimento e a utilização certamente há um desgaste do protagonismo, enfraquecendo tanto o conhecimento produzido como as práticas cotidianas visíveis a população.

Ousamos dizer que a ampliação da participação da Enfermagem brasileira no cuidado a população depende fundamentalmente das relações entre a educação, a pesquisa e a assistência cotidiana nos serviços de saúde. Para tanto, a participação é emblemática em qualquer profissão mas, na profissão de Enfermagem em que o visível é o cuidado ela é protagonista. Sem relutância o espaço de participação será crescentemente conquistado a medida em que os interesses profissionais se somem e se articulem estendidos ao encontro com a população tornando-se um coletivo irretocável. Nessa alteridade de profissionais e usuários no que diz respeito a saúde, e na saúde no que diz respeito ao cuidado fortalecidas e valorosas crescerão as posições éticas como domínio na sociedade deste século XXI.

É o conhecimento que dá a possibilidade de sonhar outros horizontes para a profissão e para as comunidades servidas pela profissão. Esta é a dimensão central de qualquer protagonismo é quanto ela serve, o quanto ela é qualificada no seu serviço.

A dimensão central está na qualificação do cuidado pelo conhecimento. Este conhecimento deve ser visto, utilizado na ponta, no cuidado com os usuários. É para ele que produzimos e deve ser visto concretamente nos fatos que a Enfermagem produz junto a população.

O protagonismo social mais visível se faz a partir do cuidado direto a população. Existe na profissão uma produção científica, uma educação com capacitação permanente e pesquisas diversificadas que enraízam o fortalecimento do protagonismo no cuidado direto a população. Contudo, cada vez que a Enfermagem se afasta das bases estruturantes: escrever, publicar e educar enfraquecemos o protagonismo no cuidar a população, não avançamos como profissão.

Por força de vinculação teórico filosófico temos a participação como condição de prontidão permanente para a concretização do protagonismo profissional dentro e fora da equipe de saúde.

No mundo inteiro não há pensamentos opostos no interior da profissão quando se define o cuidado como o objeto da disciplina de conhecimento da

Enfermagem. Para Boff (2012) o cuidado está ligado a questões vitais que podem significar a destruição ou a manutenção de nossa vida, portanto cuidar diz respeito a valorização. Implica aí que o valor fundamental do cuidar é a vida. Neste sentido lidar com o cuidado como o cerne do conhecimento em prática de Enfermagem é lidar com o valor a vida.

7. Cuidado e sua Relação Epistemológica.

Pronunciamentos mesmos ditos incontestáveis de que o cuidado é o centro da arte – ciência da Enfermagem, carecem de elucidação do próprio termo cuidado, o qual está em discussão, na expressão de Vilma de Carvalho, o termo cuidado está caindo em uma “desordem epistemológica” ou um tipo de “caos epistemológico”, dadas as muitas variações de uso da palavra cuidado no âmbito de várias profissões. Assim, as possibilidades polissêmicas do termo cuidado, geram conflito, mesmo no âmbito das disciplinas do conhecimento das chamadas ciências da saúde.

Segundo Bachelard “o espírito científico, às vezes, é vítima das noções usuais da psicologia da suposição”. Se perguntarmos, como sugere Carvalho, “a que conceito ou critério de verdade , o cuidado se refere? Quando não há resposta a esta pergunta, não pode haver conhecimento científico. Diante da Epistemologia como disciplina filosófica básica ao conhecimento científico, a Epistemologia do Cuidado de Enfermagem prestado aos clientes, aquele que é de responsabilidade da equipe de Enfermagem, trata-se então de cuidado de Enfermagem cujo solo epistemológico reside no saber\conhecimento profissional da Enfermagem brasileira, enraizado nos fundamentos implantados da Enfermagem Moderna no Brasil.

Neste caso, a eu Epistemologia do Cuidado de Enfermagem, tem que se mostrar com bases teóricas filosóficas e históricas concernentes a própria Enfermagem, indo além dos termos de arte pedagógica e prática investigativa de uma “ciência”- em –vias- de –se fazer, referindo-se ao que se chama do impreciso no dizer de Abraham Moles, mas antes de tudo, como prática científica assistencial reconhecida legalmente, no campo das ciências da saúde. Este é um caminho já aberto pela Enfermagem brasileira, profissão estabelecida, entre nós, no século XX.

O protagonismo da Enfermagem no campo de Estudos da ciência como lhe é pertinente, é um dos mais salientes em nossa vida profissional. Embora com um caminho tênue no espaço de documentação de saberes no campo assistencial, encontramos –nos profissionalmente avançando no âmbito da educação, sobretudo com o impulso do conhecimento trazido pela pós graduação de Enfermagem no Brasil.

Um espaço protagonista da profissão de Enfermagem é sobremodo que considera a relação epistemológica do cuidado e seu intrincamento à tecnologia, esta se expande com mudanças compartilhadas mundialmente, em alta velocidade, passando a requerer, uma área de conhecimento na Enfermagem, onde os profissionais como sujeitos desse conhecimento, tomem decisões com liberdade de pensar e ser no mundo da saúde. Isto retoma nossos princípios profissionais de compromisso e responsabilidade social solidária, pautados no conhecimento profissional coerente com a vida e com a ciência.

A pensar que o âmago de nossa profissão é o cuidado de Enfermagem, e que esta profissão toma o cuidado que desenvolve como eixo, refletimos como as autoras Schoeller et al (2011), quando indagam como tornar a profissão de Enfermagem valorizada exatamente por ser a profissão que se ocupa integralmente do cuidado, em sua qualidade específica de cuidado de Enfermagem?

A propósito do cuidado de Enfermagem, Pires (2005), com propriedade, nos alerta sobre a característica do cuidar, distinguindo-o como gesto e atitude solidária, inclinada a proteger e assegurar a vida em seus direitos e construção continuada da cidadania. Contudo, esta mesma autora chama a atenção quanto a relação fraterna ai impulsionada, porquanto esta pode ser opressora e subjugante, utilizando-se de artifícios calcados na solidariedade, para manter-se em posição dominante. Neste aspecto, está um dos riscos em práticas denominadas de cuidado porquanto o cuidado tem em si, uma tônica relação de poder que faculta vir a ser expressão de um cuidado emancipador ou torna-se fonte de opressão.

8. Cuidado\Empoderamento

É, neste ângulo de problematização do desenvolvimento do cuidado, que vamos associar o cuidado de Enfermagem como um cuidado terapêutico, tal como Leopardi et al (2014) o tratam, referindo-se à autonomia como reflexo do empoderamento expresso pelo cuidado de Enfermagem. Quando no espaço das relações entre o profissional de Enfermagem e o sujeito em cuidado, existe a presença significativa do compartilhamento das decisões tomadas por ambos em benefício terapêutico do próprio cuidado, este cuidado de Enfermagem traz empoderamento, pela troca de informações entre os envolvidos nesse encontro, constituindo como efeito um fenômeno denominado por essas autoras citadas de “efeito de interconexão vincular”. Esta “interconexão vincular” é inerente ao vínculo do profissional que desenvolve o cuidado de Enfermagem, decidindo este cuidado com outros compartilhadamente com quem é cuidado, em termo de construção de sua autonomia. O cuidado de Enfermagem em seu caráter terapêutico produz necessariamente o empoderamento e seu reflexo é a crescente autonomia da pessoa cuidada. Pressupõe-se deste modo o benefício da autonomia como finalidade.

Para cuidar desta maneira compartilhada Leopardi (2006), indica: 1. Reconhecimento de quem é o outro para o profissional no momento do cuidado; 2. Reconhecimento de quem somos como profissionais que desenvolve o cuidado específico de Enfermagem; 3. Reconhecimento dos argumentos adequados para estabelecer prioridades de cada situação do cuidado.

Todos os sujeitos são históricos e sociais que, eventualmente, estão participando de cuidados com base em suas necessidades, cuidados esses cujo caráter é, em si, uma busca ininterrupta de integridade em condição de continuidade do trabalho profissional de Enfermagem. Por sua vez, esses cuidados de Enfermagem e sua inserção no trabalho de saúde diante de suas características e, até mesma por esta sua tipicidade que o cuidado de Enfermagem se constitui uma unidade de conhecimento histórica e social.

Longe de posições ingênuas, lembrar nunca é demais que a consciência do agir de cada trabalhador de Enfermagem é o que fará dele

próprio e de modo ampliado a identidade do seu grupo profissional. Um exercício continuado de liderança buscando atuação ou protagonismo naquilo que lhe é próprio do conhecimento profissional – o cuidado de enfermagem que inclui o cuidado direto as pessoas e grupos e, o cuidado ampliando ao ambiente no qual as pessoas compartilham das decisões do cuidado em si e das relações deste com o ambiente.

Considerações Finais.

Ao final desta palestra no Encontro da Semana da Enfermagem façamos uma PAUSA e que não haja um sentido de finalização do assunto. Ao contrário disso, o assunto requer debate e muitas maneiras de tratá-lo, além das condições que já foram construídas.

Este tema sobre Protagonismo do cuidar escolhido para 2014 como inspirador para a Semana da Enfermagem disponibilizou a oportunidade de um entendimento que aumenta a nossa lucidez diante da trajetória da profissão e nos iniciarmos nas imagens que nos garantem a estima do grupo profissional e a guarda de certo entusiasmo e orgulho pela contribuição registrada na trajetória vivida pela enfermagem brasileira.

É possível ao longo desses 90 anos do início da enfermagem organizada com base no modelo científico no Brasil, argumentar na vida da profissão o protagonismo do cuidado de Enfermagem, e sua inserção no âmbito das demais profissões na equipe de saúde.

Valem os estudos que têm teorizado sobre o cuidado de Enfermagem, em sua condição de decisões compartilhadas, empoderando o usuário com a finalidade de alcançar o melhor de sua autonomia

A questão participativa e a valorização profissional são marcas indeléveis de mudanças político-democráticas nas equipes de Enfermagem.

Uma vez que já vimos que o protagonismo é o oposto de não estagnação profissional e que nos encontramos documentalmente como profissão protagonista nestes 90 anos de existência no Brasil; o estudo desse tema suscita que discutamos alguns outros desdobramentos que contemplem, a assistência de enfermagem a exemplo da SAE, das 30h, e tantas outras questões ainda pendentes na profissão de Enfermagem.